



Revista Científica
HPCHSJ

HOSPITAL DOS PLANTADORES DE CANA
HEALTH SCIENCE JOURNAL

ISSN: 2965-0275

Volume 1, Number 1, Article n. 2, January/June 2022

Received:07/12/2021-Accepted: 21/06/2022

MEDICINE STUDENTS AND THE USE OF MEDICINES TO OPTIMIZE ACADEMIC PERFORMANCE

ESTUDANTES DE MEDICINA E O USO DE MEDICAMENTOS PARA OTIMIZAÇÃO DO DESEMPENHO ACADÊMICO

Lavinnya Melo Machado

Acadêmica de Medicina - UniRedentor

lavinnyammachado19@gmail.com

Anderson Teixeira Nunes

Docente- UniRedentor

anderson.teixeira@fmc.br

Miguel De Lemos Neto

Docente- UniRedentor

dr.mdlemos@gmail.com

Abstract - The use of substances such as alcohol, tobacco, illicit drugs, psychoactive substances, as well as appetite suppressants has been widely observed in young people who enter universities. In medical schools, this reality is no different. Despite knowledge about the side effects of drugs, this group consumes similar proportions to other young people of the same age who do not have this type of knowledge. In this sense, in search of better academic performance, students use many medications. The objective of this study was to quantify the number of students who use drugs for cognitive stimulation and/or treatment of pathologies such as depression and anxiety. A survey was carried out, through a semi-structured script, in digital form format, with 101 medical students, about the use of medication for studies. It was possible to conclude that there is a significant use of drugs to optimize studies. Although they are medical students and are aware of self-medication and its consequences, the academic training routine and requirements become sufficient conditions for such academics to see the need for use.

Keywords: Medical Students. Medication. Academic Achievement.

Resumo - O uso dessas substâncias como o álcool, o tabaco, drogas ilícitas, substâncias psicoativas, assim como inibidores de apetite tem sido muito observada nos jovens que

ingressam nas universidades. Nas faculdades de Medicina, essa realidade não é diferente. Apesar do conhecimento sobre os efeitos colaterais das drogas, esse grupo consome proporções semelhantes a outros jovens de mesma idade que não tem esse tipo de conhecimento. Nesse sentido, em busca de um melhor desempenho acadêmico, os estudantes fazem o uso de muitas medicações. O objetivo deste trabalho foi quantificar o número de estudantes que fazem uso de fármacos para estimulação cognitiva e/ou tratamento de patologias como depressão e ansiedade. Foi realizada uma pesquisa, por meio de um roteiro semi-estruturado, em formato de formulário digital, com 101 estudantes de medicina, acerca do uso de medicamentos para estudos. Foi possível concluir que há uma significativa utilização de fármacos para otimização dos estudos. Embora sejam acadêmicos de medicina e possuam ciência da automedicação e suas consequências, a rotina de formação acadêmica e as exigências se tornam condições suficientes para que tais acadêmicos vejam necessidades de uso.

Palavras-chave: Estudantes de Medicina. Medicação. Desempenho Acadêmico.

INTRODUÇÃO

As drogas que atuam como estimulantes do sistema nervoso central têm seu uso principal voltado para indivíduos que possuem transtorno de déficit de atenção com hiperatividade (TDAH), visto que o mecanismo de ação dessa classe farmacológica compreende o bloqueio dos transportadores de noradrenalina (NAT) e dopamina (DAT) associado ao aumento da liberação desses neurotransmissores em regiões cerebrais específicas. O resultado desse aumento é a potencialização do desempenho cognitivo, o que corrobora para extensão do uso indiscriminado desses medicamentos por estudantes universitários a fim de otimizar o desempenho acadêmico. (PIRES et al., 2018).

Por meio deste estudo, dentre os psicoestimulantes mais utilizados por acadêmicos de Medicina incluem as anfetaminas: metilfenidato, cafeína e modafinil. As anfetaminas da família das feniletilaminas incluem um grupo de fármacos psicoestimulantes que tem ação nos receptores adrenérgicos atuando como agonistas simpatomiméticos, além disso é uma das aminas mais potentes na estimulação do sistema nervoso central. As drogas atuam estimulando centro respiratório bulbar, reduz grau de depressão central causado por substâncias, propriedades anorexígenas e produz vários outros sinais de estímulos, no mais a anfetamina e algumas outras aminas podem exercer um pequeno efeito analgésico. (BRUNTON, 2012).

As anfetaminas têm absorção rápida no trato gastro intestinal e tem passagem livre pela membrana hematoencefálica o que explica seu potencial efeito no sistema nervoso central. A meia vida plasmática da anfetamina varia de 5 até 30 horas que também de acordo com fluxo urinário e pH. Os principais efeitos centrais incluem

estimulação locomotora o que explica por serem muito utilizadas por atletas para aumentar rendimento físico, euforia, excitação e anorexia, entretanto em altas concentrações os efeitos podem gerar comportamentos estereotipado. (MARCON,2012).

A anfetamina administrada por via oral causa a elevação da pressão arterial sistólica e diastólica e pode levar a arritmias cardíacas quando administrada em grandes dosagens. O uso indiscriminado das anfetaminas na maioria das vezes é seguido de depressão e fadiga, além de sintomas como cefaleia, palpitação, tontura, distúrbios vasomotores, agitação, confusão, disforia, apreensão e delírio. Outrossim, pode gerar depressão do apetite, dependência, estados de pânico e tendência a suicídios e homicídios, sendo assim seu uso deve ser supervisionado por um médico. (BRUNTON,2012).

A cafeína é uma metilxantina (1,3,7-trimetilxantina) estimulante suave, é um estimulante psicomotor, apresenta um efeito marcado sobre a função mental e o comportamento, produzindo excitação e euforia, redução da sensação de fadiga, um aumento da atividade motora e em alguns casos potencializa as funções cognitivas. Sua ação é de aumentar a liberação de norepinefrina (NE) e dopamina (DA), aumentando a atividade neuronal em várias áreas do cérebro. (RANG et al., 2016)

O modafinil (difenilmetil-sulfinil-2 acetamida) é uma droga psicoativa não anfetaminérgica com múltiplos efeitos positivos na vigília, atividade locomotora e capacidade cognitiva. Atualmente, há um aumento no uso do modafinil por indivíduos saudáveis, como estudantes ou médicos plantonistas, que precisam aumentar sua concentração em situações de trabalho árduo. Estudos sobre os níveis neuroquímicos mostraram que o modafinil aumenta os níveis extracelulares de dopamina, norepinefrina, glutamato e serotonina. Por outro lado, atenua a neurotransmissão GABAérgica no cérebro. Alguns pesquisadores sugeriram que a ligação pré-sináptica do modafinil ao transportador de dopamina (DAT) e ao transportador de norepinefrina são eventos farmacológicos importantes na mediação dos efeitos de promoção da vigília e da melhora das funções cognitivas pelo modafinil. (EWING et al., 2021);

O Cloridrato de Metilfenidato (MTF), conhecido pelo nome comercial no Brasil como Ritalina é o psicoestimulante mais consumido no mundo e é indicado no tratamento de TDAH e com indivíduos com narcolepsia. O MTF é uma variante da anfetamina e seus efeitos principais no sistema nervoso central é atuar sobre o humor e estado de vigília. (COELHO, FARIA, 2016)

Seu mecanismo de ação consiste em bloquear a recaptação de dois

neurotransmissores, norepinefrina (NE) e dopamina, pelos neurônios présinápticos. Mais especificamente, inibe os transportadores desses neurotransmissores, aumentando a concentração de dopamina e NE na fenda sináptica. Em geral, isso cria seu efeito estimulante clássico no sistema nervoso central (SNC), principalmente no córtex pré-frontal. É metabolizado pelo fígado em ácido ritalínico por meio de um processo denominado desesterificação via carboxilesterase CES1A1. Comparado a outros medicamentos (ou seja, anfetaminas) derivados da fenetilamina, o metilfenidato parece aumentar a taxa de ativação dos neurônios. É também um agonista fraco do receptor HT1A, que é um mecanismo adicional que contribui para o aumento dos níveis de dopamina. (ROCHA et al., 2020)

Com isso tornou-se fácil a sua comercialização de forma ilegal, principalmente na internet e entre os amigos. O fácil acesso ao medicamento somado ao uso abusivo e sem orientação médica culminaram para a dependência e danos à saúde. (COELHO, FARIA, 2016)

Dosagens excessivamente maiores tomadas por aqueles que abusam intencionalmente da droga levam a uma superexpressão de deltaFosB, um ativador da transcrição, em certos neurônios dentro do corpo estriado. Esse acúmulo de deltaFosB no nucleus accumbens ativa uma série de cascatas de sinalização que desencadeiam ainda mais o vício. (ROCHA et al., 2020).

De acordo com Carlier et al. 2019 foram relatadas intoxicações agudas e fatalidades envolvendo o uso do Metilfenidato, que foi considerado uma droga ilegal em muitos países, no entanto houve uma tentativa de imitar os efeitos farmacológicos da droga, onde começou a estar disponível análogos ao fármaco, como por exemplo, etilfenidato, 3,4-diclorometilfenidato, metilnapidato, etilnaftidato, entre outros, também responsáveis por muitas intoxicações. Foram registradas 28 mortes envolvendo o etilfenidato, embora sendo diretamente a causa de morte em 7 dos casos. O curso de ensino superior requer dos estudantes dedicação e longo tempo de estudo. No curso de graduação em Medicina, onde observa-se uma carga horaria extensa e uma vasta quantidade de conteúdo somada a grande pressão por resultados positivos contribuem para a frequência do uso dos psicoestimulantes.

Em um estudo realizado por Silveira et al. (2015) na Universidade do sul de Minas Gerais os resultados obtidos por meio da análise de 116 questionários que corresponde a 25% dos alunos do 1º ao 6º ano da Universidade demonstraram que 57% dos entrevistados, com prevalência do sexo feminino (33,62%), fazem uso de substâncias psicoestimulantes, onde 95,45% dos usuários sem orientação médica.

Em estudo realizado por De Luna et al. (2018) entre os alunos de Medicina do primeiro e sexto ano de uma Universidade do estado de São Paulo demonstrou que dos 200 acadêmicos que participaram da pesquisa, sendo 100 deles do primeiro ano e 100 no sexto ano, demonstrou que durante o período da pesquisa dos estudantes que estão no último ano do curso 50% deles fazem uso de psicofarmacos, enquanto que os que estão no primeiro ano somente 23% são usuários, o que evidencia a influência do curso sobre a administração desses medicamentos. Além disso, os dados que foram coletados demonstraram que os psicoestimulantes são os mais utilizados pelos acadêmicos do primeiro e sexto ano, sendo 65% e 34% respectivamente, a segunda classe relatada com maior uso foram os antidepressivos, sendo 30% e 32% respectivamente.

Outrossim, o estudo expõe o aumento progressivo do uso abusivo de psicotrópicos antidepressivos, ansiolíticos, antimaniacos e psicoestimulantes como uma preocupação global. Nos países como Canadá, Estados Unidos e Inglaterra, esse cenário tem sido bastante discutido, visto que através de estudos epidemiológicos realizados foram relatados aumento do uso de psicoestimulantes entre universitários com a finalidade de melhorar a performance acadêmica. Em relação aos efeitos observados pelos usuários de psicoestimulantes uma pesquisa realizada por Santana et al. 2020 em instituições de Ensino de Montes Claros-Minas Gerais demonstrou que a redução do sono foi o efeito mais percebido, seguido de melhora na concentração, bem-estar, melhora no raciocínio, memória e aprendizado. Com isso, a amostra revela que os efeitos positivos da otimização do desempenho acadêmico fazem com que haja maior ocorrência de seu uso contínuo e maior dificuldade em abdicar do uso.

Segundo Mincoff, Barretos, Jesus (2018) o excesso de obrigações curriculares predispõe fator de risco para o desenvolvimento de desequilíbrio emocional, levando ao aumento do uso de medicações psicoestimulantes e chances de suicídio. Devido a isso também cresce o uso de drogas como antidepressivos e ansiolíticos de forma a reduzir todo esse desequilíbrio emocional gerado. O assédio moral, a má qualidade da formação inicial para lidar com a doença e o consumo de álcool estiveram associados a, respectivamente, transtorno de ansiedade e depressão maior em análises multivariadas. (FOND et al., 2021).

O objetivo deste trabalho foi quantificar o número de estudantes que fazem uso de fármacos para estimulação cognitiva e/ou tratamento de patologias como depressão e ansiedade.

Materiais e Métodos

Trata-se de um estudo descritivo transversal de natureza quantitativa, que foi realizado em uma instituição privada de ensino superior localizada no município de Itaperuna – RJ. A população foi composta por 101 acadêmicos do curso de Medicina da instituição. Foram considerados critérios de inclusão: alunos estudantes de medicina, maiores de 18 anos. Também foram considerados critérios de exclusão: Menores de 18 anos. A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário adaptado contendo questões objetivas, preenchidos pelos acadêmicos participantes da pesquisa. Os dados coletados foram tabulados e analisados pelo programa Microsoft Excel (2006).

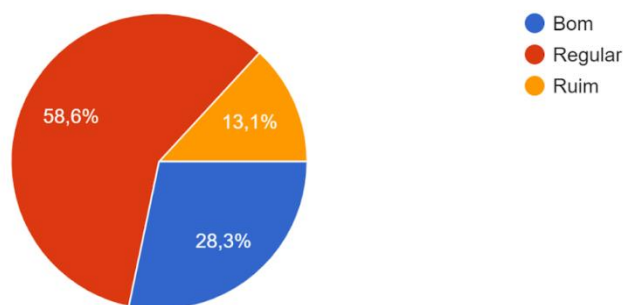
Resultados

A pesquisa contou com a participação de 101 discentes. Desses 101, 98% estão cursando o ensino superior. A faixa etária predominante é de 21 a 25 anos, totalizando 51,5% dos participantes, seguidos de outros dois grandes grupos, 18 a 20 anos e 26 a 30 anos, ambos com 22,2% e apenas 4% possuem entre 31 e 40 anos. A maioria dos alunos participantes são do sexo masculino, sendo 62,6%, enquanto o sexo feminino compreende um total de 37,4%.

Desse total de participantes, 64,6% são brancos, 25,3% são pardos e 9,1% são negros. No quesito do uso de bebidas alcoólicas, 55,6% fazem uso. Já no tabagismo, apenas 34,3%, e 9,1% faz o uso de outros tipos de drogas. No âmbito das atividades físicas, metade desse grupo realiza, totalizando 50,5%.

Quando a pergunta foi direcionada ao total de horas que costumam dormir por dia, 87,9% pontuaram que dormem mais de 6 horas, enquanto 12,1% dormem menos de 06 horas por dia. No entanto, quando a pergunta se direciona para a qualificação do sono, 58,6% considera irregular, 13,1% considera ruim e 28,3% considera bom. Apesar do considerável número de alunos que consideram o sono irregular, apenas 29,3% fazem uso de medicação para dormir. Isto é, 70,7% não utilizam nenhuma medicação.

Gráfico 01 – Qualidade do Sono

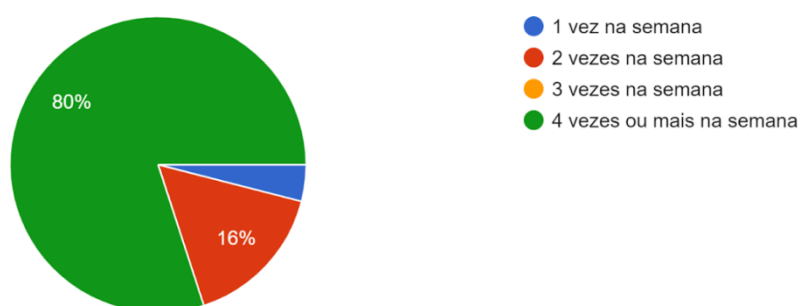


Fonte: Acervo Próprio

No campo do desempenho acadêmico, apenas 25,3% dos alunos utilizam alguma medicação para otimizar seu rendimento nos estudos, e a maioria, 74,7% não faz uso. Desses medicamentos utilizados, o maior grupo é o de Antidepressivos, contabilizando 36%, seguido do segundo grupo, Ansiolítico, com 32%, Psicoestimulantes e Nootrópicos com 16%.

Em relação à forma de uso de medicação, apenas 4% faz administração uma vez por semana, 16% faz uso duas vezes por semana, enquanto 80% faz uso quatro vezes por semana. No campo do tempo que fazem uso desses fármacos, 60%, ou seja, maioria, há mais de um ano, 28% entre três meses e doze meses e 12% entre um mês e três meses.

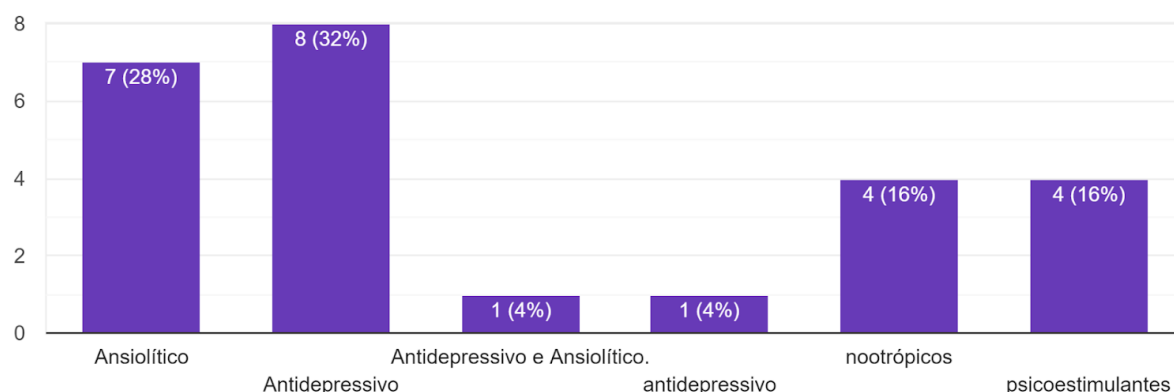
Gráfico 02 – Frequência do uso de medicação para otimização do desempenho acadêmico



Fonte: Acervo Próprio

Além disso, 80% desses alunos relataram ter efeito colateral ao uso das medicações. Dentre os efeitos colaterais apontados, destacam-se: sonolência, vertigem, inapetência, náuseas, cefaléia, depressão psicomotora, irritabilidade, sudorese, ansiedade e depressão.

Gráfico 03 – Tipo de medicação utilizada



Fonte: Acervo Próprio

Grande parte dos alunos que fazem uso de medicação para estudos, um total 84% relatam terem tentado interromper o uso dessas medicações consideradas e utilizadas para otimização dos estudos.

Discussão

A entrada dos jovens em uma universidade é um momento de muita alegria, entretanto, pela mudança de ambiente e costumes, pode se tornar um período crítico, de maior vulnerabilidade para o início do uso de substâncias estimulantes do sistema nervoso central (PEUKER,, 2006).

O uso dessas substâncias como o álcool, o tabaco, drogas ilícitas, substâncias psicoativas, assim como inibidores de apetite tem sido muito observada nos jovens que ingressam nas universidades. Nessa última década, houve um crescimento intenso na proporção do nível de uso de derivados anfetamínicos e ecstasy, sendo essas, as drogas mais utilizadas entre a classe de estudantes, com exceção da maconha (POPE, 2001).

O uso de drogas entre estudantes universitários é muito difundido (WEITZMAN, 2004) e o ambiente em que vivem e as pessoas com quem convivem têm profunda influência em seus hábitos de vida (RIGOTTI, 2005). O ambiente universitário facilita o acesso dos jovens às drogas e estudos mostram que o consumo aumenta após a inserção na faculdade (KERR-CORRÊA, 1999).

Nas faculdades de Medicina, essa realidade não é diferente. Apesar do conhecimento sobre os efeitos colaterais das drogas, esse grupo consome proporções

semelhantes a outros jovens de mesma idade que não tem esse tipo de conhecimento (LEMOS, 2014). Segundo Tockus e colaboradores (2008), a droga mais utilizada é o álcool, mas ainda se relata o uso de tabaco, Cannabis sativa, estimulantes, cocaína, inalantes, sedativos, alucinógenos e opióides.

Os índices de abuso de álcool e consumo de drogas ilícitas chegam a ser maiores na população universitária do que na população em geral (RIDNER, S., 2005). De acordo com os dados compilados no relatório mundial de drogas, estima-se que 263.000 mortes ocorreram por uso de drogas ilícitas (UNODC, 2011). A experimentação de algumas dessas substâncias vem ocorrendo cada vez mais precocemente entre indivíduos jovens, de modo que há indícios empíricos do uso já nos primeiros anos escolares (MARQUES E CRUZ, 2000). Todavia, as maiores taxas de prevalência do uso ficaram por conta dos estudantes universitários, grupo em que uma porção. A droga mais utilizada é comumente o álcool (FIORINI, 2003).

Além do álcool, relata-se o uso de tabaco, cannabis sativa, estimulantes, cocaína, inalantes, sedativos, alucinógenos e opióides (FIORINI, 2003).. Sabe-se que o maior consumo de álcool, tabaco e drogas ilícitas entre universitários está associado a alguns fatores já identificados, como não possuir religião ou não frequentar celebrações religiosas, morar longe dos pais, apresentar mais horas livres nos dias úteis e alta renda familiar (SANCHEZ, 2007).

Não obstante o contexto cultural diferenciado da população universitária, 29,8% dos alunos de um estudo realizado por Oliveira et al.¹⁰ apresentaram alto risco para alcoolismo e número significativo de estudantes não reconhecem que estejam em uma faixa de risco para uso de álcool. Esse fato pode ser considerado muito relevante e controverso para uma população que tem acesso a mais informações técnicas que a população em geral (OLIVEIRA, 2007).

As causas mais comuns de prejuízo do sono são a restrição e sua fragmentação. A restrição do sono pode ser resultado da demanda de trabalho ou das exigências curriculares, responsabilidade familiar, uso de fármacos, fatores pessoais e estilo de vida. A fragmentação resulta em um sono de quantidade e qualidade inadequadas, sendo consequência de condições biológicas e/ou fatores ambientais que o interrompem. Para um estado ótimo de vigília, o adulto requer uma média de 7 a 8 horas de sono em um período de 24 horas. No entanto, alguns indivíduos necessitam de menor número de horas de sono, e são denominados dormidores curtos, já outros requerem mais horas de sono, e são conhecidos como dormidores longos (ALMONDES, 2003).

A insônia é um dos principais distúrbios relacionados ao sono e possui alguns fatores precipitantes, entre os quais destacam-se o estresse e a ansiedade. Está diretamente relacionada com o aumento do tempo para iniciar o sono (latência do sono), normal até 30 minutos. Pessoas que sofrem de insônia frequentemente apresentam padrão de sono fragmentado, com episódios de despertares noturnos, apresentando-se cansadas e sonolentas durante o dia. Isso pode justificar inclusive o aparecimento de dor crônica nessas pessoas. Além da insônia, fazem parte do complexo de distúrbios do sono o ronco e síndrome da apneia obstrutiva do sono (SAOS) (POYARES, 2003).

Uma qualidade ruim do sono pode trazer prejuízos no dia a dia das pessoas, como desempenho baixo nos estudos, transtornos nas relações familiares e sociais, sonolência excessiva diurna, dor crônica, além de estarem associados ao risco aumentado de acidentes, tanto no trabalho, quanto automobilísticos (BERTOLAZI, 2008).

O uso crônico de substâncias sedativas ou estimulantes, por sua vez, também está inserido nesse contexto. Exemplo disso é o uso de estimulantes do sistema nervoso central, como efedrina, anfetamina e cafeína, os quais podem acarretar aumento da latência do sono ou diminuição do tempo total de sono. Benzodiazepínicos e fenobarbital também estão associados à insônia. Nesse caso, o que ocorre é o fenômeno do rebote após a retirada desses fármacos, além da possibilidade de desenvolver tolerância (MARTINEZ, 2008).

As demandas a que estão sujeitos os estudantes de Medicina, submetidos a forte pressão e estresse pela exigência de alto rendimento, tendem a reduzir a quantidade de sono e dessincronizar o ciclo sono-vigília, obrigando-os a decidir entre se manterem acordados ou satisfazer as necessidades de sono. A privação do sono a que o acadêmico se submete pode levar à deterioração mental, psicológica e física, com diminuição da capacidade de raciocínio, de reter informações, de resolução de problemas e da interpretação de exames (CARDOSO, 2009).

A privação de sono paradoxal também age sobre o estresse. Observa-se um aumento dos níveis de cortisol em indivíduos privados de sono. A concentração plasmática de cortisol tem seus níveis diminuídos por retroalimentação negativa, o que acontece ao longo do dia, com seus menores níveis no início do sono. A privação de sono provoca um prejuízo nessa capacidade de feedback negativo, provocando maiores níveis séricos na noite seguinte. O estresse engendrado colabora então para

o sensível efeito de depressão do sistema imunológico pela privação de sono (MORAES, 2013).

Finalmente quanto à insônia, deve-se ter em mente que, excetuando-se aquelas com uma causa patológica ou médica específica (que se resolvem sendo tratadas as condições de base), o mais comum é se ter insônia associada a hábitos e condições ambientais inadequados, o que inclui barulho, temperatura e luminosidade do ambiente de sono, horas irregulares de se dormir, uso de substâncias psicotrópicas perto ao horário de sono. Essas são as situações a serem investigadas em primeiro lugar em adolescentes e adultos jovens com latência de sono prejudicada (DE MELLO, 2020).

De acordo com Lemos e colaboradores (2014), a exposição a alguns fatores de risco podem contribuir para estimular o abuso do uso das drogas psicoativas entre estudantes de medicina e futuros médicos. Dentre esses fatores podemos citar: vida estressante, grande carga horária das universidades, necessidade de estudar constantemente, cobrança imposta pelos próprios alunos e pela sociedade, preocupação com o rendimento acadêmico, entre outros.

O estilo de vida adotado por estudantes de medicina culmina com a necessidade de ficarem mais tempo acordados e ativos para suprir a demanda de estudo. É nesse momento que encontramos um grande uso de drogas estimulantes no grupo. Entretanto, esse padrão irregular do sono pode gerar consequências negativas importantes. A explicação para isso está relacionada com o fato do sono ser uma função biológica fundamental na consolidação da memória, na restauração do metabolismo energético cerebral e na conservação e restauração da energia (CARDOSO, 2009).

Devido a essas importantes funções, as perturbações do sono podem acarretar alterações significativas no funcionamento não só cognitivo, mas também social e físico, prejudicando a qualidade de vida. Outra questão relevante é o fato do uso das substâncias estimulantes para afastar o sono poderem levar à dependência química. Essa pode causar efeitos negativos para os estudantes, como modificação do raciocínio, humor e comportamento, diminuição da percepção e estresse (SILVA, 2006).

Esses efeitos colaterais, somados aos citados anteriormente (causados pela falta do sono), provocam uma diminuição do desempenho acadêmico e podem gerar situações mais drásticas como transtornos psiquiátricos diversos (CARDOSO, 2009).

Entre os estudantes, observa-se uma maior prevalência do uso da cafeína, cujo efeito é considerado tão fisiológico que o indivíduo pode ser levado à dependência sem perceber. Outro exemplo é o pó de guaraná, que possui como princípio a guaranina, um composto alcaloide que é processado mais lentamente no corpo, quando comparado à cafeína, mas que tem efeitos que podem durar horas (SILVEIRA, 2015).

Já cloridrato de metilfenidato, também conhecido por Ritalina, é um dos estimulantes mais utilizados no mundo, com o objetivo principal de tratar o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH). Entretanto, o medicamento vem sendo utilizado de forma inadequada e para outros fins (CESAR, 2012).

A utilização descontrolada de psicoestimulantes por universitários que não possuem recomendação é uma questão que merece enfoque. Há poucos estudos realizados sobre essa prática no Brasil, o que incentiva uma busca mais aprofundada sobre os motivos que levam a esses hábitos indiscriminados (SANTANA, 2020).

Conclusões

Por tudo isso, é possível concluir que há uma significativa utilização de fármacos para otimização dos estudos. Embora sejam acadêmicos de medicina e possuam ciência da automedicação e suas consequências, a rotina de formação acadêmica e as exigências se tornam condições suficientes para que tais acadêmicos vejam necessidades de uso.

Referências

WEITZMAN, Elissa R.; NELSON, Toben F. College student binge drinking and the “prevention paradox”: Implications for prevention and harm reduction. **Journal of drug education**, v. 34, n. 3, p. 247-265, 2004.

RIGOTTI, Nancy A.; MORAN, Susan E.; WECHSLER, Henry. US college students’ exposure to tobacco promotions: prevalence and association with tobacco use. **American journal of public health**, v. 95, n. 1, p. 138-144, 2005.

KERR-CORRÊA, Florence et al. Uso de álcool e drogas por estudantes de medicina da Unesp. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 21, p. 95-100, 1999.

RIDNER, S. Lee. Predicting smoking status in a college-age population. **Public Health Nursing**, v. 22, n. 6, p. 494-505, 2005.

FIORINI, João Evangelista et al. Uso de drogas lícitas e ilícitas no meio universitário de Alfenas. **Revista do Hospital das Clínicas**, v. 58, n. 4, p. 199-206, 2003.

SANCHEZ, Zila van der Meer; NAPPO, Solange Aparecida. A religiosidade, a espiritualidade e o consumo de drogas. **Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)**, v. 34, p. 73-81, 2007.

OLIVEIRA, Margareth; SOIBELMANN, Mauro; RIGONI, Maisa. Estudo de crenças e expectativas acerca do álcool em estudantes universitários. **International journal of clinical and health psychology**, v. 7, n. 2, p. 421-433, 2007.

DE MEDEIROS, Sandra Braga et al. Prevalência do uso de drogas entre acadêmicos de uma universidade particular do sul do Brasil. **Aletheia**, n. 38-39, p. 81-93, 2012.

ALMONDES, Katie Moraes de; ARAÚJO, John Fontenele de. Padrão do ciclo sono-vigília e sua relação com a ansiedade em estudantes universitários. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 8, p. 37-43, 2003.

POYARES, Dalva et al. I consenso brasileiro de insônia. **CEP**, v. 4020, p. 060, 2003.

BERTOLAZI, Alessandra Naimaier. Tradução, adaptação cultural e validação de dois instrumentos de avaliação do sono: **Escala de Sonolência de Epworth e Índice de Qualidade de Sono de Pittsburgh**. 2008.

MARTINEZ, Denis; LENZ, Maria do Carmo Sfreddo; MENNA-BARRETO, Luiz. Diagnóstico dos transtornos do sono relacionados ao ritmo circadiano. **Jornal Brasileiro de Pneumologia**, v. 34, p. 173-180, 2008.

CARDOSO, Hígor Chagas et al. Avaliação da qualidade do sono em estudantes de Medicina. **Revista brasileira de educação médica**, v. 33, n. 3, p. 349-355, 2009.

MORAES, Caio AT et al. Qualidade de sono em estudantes de medicina do método de aprendizado baseado em problemas. **Medicina (Ribeirão Preto)**, v. 46, n. 4, p. 389-397, 2013.

DE MELLO, Marco Túlio et al. Sleep and COVID-19: considerations about immunity, pathophysiology, and treatment. **Sleep Science**, v. 13, n. 3, p. 199, 2020.

PEUKER, A.C.; FOGAÇA, J.; BIZARRO, L. Expectativas e beber problemático entre Universitários. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 22, n. 2, p. 193-200, 2006.

POPE, H.G.; IONESCU-PIOGGIA, M.; POPE, K.W. Drug use and life style among college undergraduates: a 30- year longitudinal study. **Am J Psychiatry**, v.158, n. 9, p. 1519-1521, 2001.

LEMONS, K. M. et al. Uso de substâncias psicoativas entre estudantes de Medicina de Salvador (BA). **Rev. psiquiatr. clín.**, v. 34, n. 3, 2007

SILVA, L.V.E.R.; MALBERGIER, A.; STEMPLIUK, V.A.; ANDRADE A.G. Fatores associados ao consumo de álcool e drogas entre estudantes universitários. **Revista Saúde Pública**, 2006.

CARDOSO, H.C., et al. Avaliação da qualidade do sono em estudantes de medicina. **Rev. Bras. Educ. Med.**, v. 33, n. 3, p. 349-355, 2009.

SILVEIRA, Viviane lunes et al. Uso de psicoestimulantes por acadêmicos de medicina de uma universidade do Sul de Minas Gerais. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 13, n. 2, p. 186-192, 2015.

CESAR, Eduardo Luiz Da Rocha et al. Uso prescrito de cloridrato de metilfenidato e correlatos entre estudantes universitários brasileiros. **Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)**, v. 39, n. 6, p. 183-188, 2012.

SANTANA, Luíza Côrtes et al. Consumo de estimulantes cerebrais por estudantes em instituições de ensino de montes claros/MG. **Revista brasileira de educação médica**, v. 44, 2020.